

Angústia nos meandros da arte

Maria Célia Delgado de Carvalho

Resumo

O texto explora a relação entre o afeto da angústia e processos criativos na arte, destacando como é constante que artistas enfrentem desafios intensos na vida, como melancolia e sofrimento psíquico, recurso a drogas e outros problemas de ordem psíquica. Sob a ótica de Lacan, a angústia é vista como um afeto ligado ao Real e à impossibilidade de simbolização, algo central em processos criativos, em que o artista teria a experiência de se confrontar com o vazio existencial. O ato de criar, assim como o processo analítico, envolve uma passagem pela angústia. A arte circunda o Real e permite que o artista enfrente sua angústia, ao compartilhar sua criação, trazendo à tona seu desejo, sublimação e satisfação decorrente de sua própria produção artística.

Palavras-chave:

Angústia; Processo criativo; Real; Desejo do Outro; Sublimação.

Anguish in the meanders of art

Abstract

The text explores the relationship between the affect of anguish and creative processes in art, highlighting how it is common for artists to face intense challenges in life, such as melancholy, psychic suffering, substance use, and other challenges. From Lacan's perspective, anguish is seen as an affect tied to the Real and to the impossibility of symbolization, a core aspect of creative processes where the artist experiences a confrontation with existential emptiness. The act of creation, much like the analytical process, involves a passage through anguish. Art circles the Real and allows the artist to confront their anguish by sharing their creation, bringing forth desire, sublimation, and satisfaction derived from their own artistic production.

Keywords:

Anguish; Creative process; Real; Desire of the Other; Sublimation.

Angustia en los entresijos del arte

Resumen

El texto explora la relación entre el afecto de la angustia y los procesos creativos en el arte, destacando cuán común es que los artistas enfrenten desafíos intensos en la vida, tales como la melancolía, el sufrimiento psíquico, el uso de drogas y otros desafíos. Desde la perspectiva lacaniana, la angustia se considera un afecto vinculado a lo Real y a la imposibilidad de simbolización, un elemento central en los procesos creativos, donde el artista experimenta una confrontación con el vacío existencial. El acto de crear, al igual que el proceso analítico, implica un paso a través de la angustia. El arte rodea lo Real y permite que el artista enfrente su angustia al compartir su creación, revelando así su deseo, su sublimación y la satisfacción resultante de su propia producción artística.

Palabras clave:

Angustia; Proceso creativo; Real; Deseo del Otro; Sublimación.

Angoisse dans les subtilités de l'art

Résumé

Le texte explore la relation entre l'affect de l'angoisse et les processus créatifs dans l'art, en soulignant combien il est fréquent que les artistes affrontent des défis intenses dans leur vie, tels que la mélancolie, la souffrance psychique, le recours aux drogues et d'autres défis. Dans une perspective lacanienne, l'angoisse est considérée comme un affect lié au Réel et à l'impossibilité de symbolisation, un élément central des processus créatifs, où l'artiste expérimente une confrontation avec le vide existentiel. L'acte de création, tout comme le processus analytique, implique un passage par l'angoisse. L'art entoure le Réel et permet à l'artiste d'affronter son angoisse en partageant sa création, révélant ainsi son désir, sa sublimation et la satisfaction résultant de sa propre production artistique.

Mots-clés :

Angoisse ; Processus créatif ; Réel ; Désir de l'Autre ; Sublimation.

Ao contemplarmos o cenário das artes, frequentemente nos deparamos com a intrincada teia que conecta artistas, responsáveis por obras de arte altamente reconhecidas, a tumultuadas vidas privadas e sofrimento psíquico, como depressão, melancolia e muitos outros que, por vezes, culminam em atos extremos, como vícios, drogas, alcoolismo e até mesmo mortes prematuras.

É vastíssimo o catálogo de biografias e entrevistas com os próprios artistas que indicam essa direção. Podemos citar, na música brasileira, Elis Regina, Maysa, Vinicius de Moraes; nas artes plásticas universais, os casos emblemáticos de Frida Kahlo e Vincent Van Gogh; na poesia, Ana Cristina Cesar, Fernando Pessoa, James Joyce; e muitos mais.

É possível pensar esse cenário como indício da presença da angústia nos processos criativos que permeiam a arte?

É claro que precisaríamos caminhar pela especificidade e pela singularidade de cada história, a fim de entender esse paradoxo de que artistas, cuja trajetória é tão idealizada aos olhos do público, estejam sujeitos a desafios tão profundos. Também precisaríamos percorrer os intrincados caminhos da história da arte em sua constante tentativa de definir o que é arte. O que podemos recolher, no entanto, de alguns percursos singulares é que algo na arte inquieta, desassossegada, desafia não somente o artista, que empresta sua subjetividade à criação de um objeto para ser exposto, mostrado ao outro, mas também os espectadores, aqueles que assistem, veem, ouvem e que de alguma forma têm contato com as produções artísticas. É importante guardarmos esse ponto para relacioná-lo com a angústia diante do desejo do Outro, como propõe Lacan (2005) no *Seminário 10: a angústia*.

Ao analisarmos diferentes processos criativos, somos conduzidos a supor que esse percurso passa por enfrentar algo que concerne ao Real. A arte, como abordada por Lacan (1986) em seu *Seminário 7*, implica certa organização em torno do vazio de *das Ding*.

A obra de arte tende a remeter ao Real, circundando esse domínio, que diz respeito ao impossível, inexorável e inapreensível, elementos intrínsecos à estrutura do falasser. Ao criar, o artista precisa confrontar o vazio da existência, e, portanto, como não estar sujeito à experiência da angústia?

A angústia, como afeto vinculado ao Real, não se relaciona com meros significantes enganosos; ao contrário, indica sua ligação com algo além do simbolizável.

Lacan, em seus estudos sobre a angústia, invoca Kierkegaard, que a reconhece como o afeto presente quando nos deparamos com questionamentos da existência. Para Kierkegaard (1844/1957), a angústia é um afeto vago e indefinido, decorrente do reconhecimento da condição humana precária, implicando a possibilidade de erro, pecado, sofrimento e morte.

A angústia, segundo Lacan, é um afeto basal, conectado à lacuna a partir da qual o sujeito se constitui, diferente da perspectiva freudiana original, na qual a angústia aparece como resultado do recalçamento das pulsões.

Podemos, então, a partir de Lacan, dizer que a arte circunda o Real, remetendo ao impossível de simbolizar e explicar. Nesse cenário, o processo criativo pode entrelaçar-se com a angústia, de maneira análoga ao processo analítico, que também implica essa passagem.

Diante da lacuna constitutiva do falante, o sujeito se divide e se constitui simultaneamente, sendo afetado pela angústia. Esse afeto não é um ponto de parada; é uma passagem, sendo necessário ir além dela, para que a criação artística ocorra, da mesma forma que é preciso transcender a angústia, para que uma análise se desenrole.

As obras de arte podem obter reconhecimento por sua capacidade de provocar um efeito nos observadores. Para o filósofo da arte George Dickie (1974), algo é considerado arte não por suas propriedades intrínsecas ou pela intenção do artista, mas pelo reconhecimento que recebe dentro de um contexto social específico, nomeado por ele como mundo da arte. Esse reconhecimento ocorreria por várias etapas. O artista, que cria uma obra de arte, é o primeiro a reconhecer que a obra é valiosa e que deve ser apresentada para a apreciação de um Outro, representado pelos especialistas do mundo da arte.

Uma hipótese que podemos pensar a partir dessa concepção de arte é que, quando o artista dá esse reconhecimento de que algo que criou é digno de ser apresentado ao Outro, ele retira da angústia sua certeza. Em um momento subsequente, enfrenta o desafio de apresentar sua obra à pólis, que a reconhecerá ou não como arte, dando a ela um valor simbólico. Esse processo também envolve angústia, na medida em que sua criação coloca o artista diante do desejo do Outro.

A ideia é que o afeto da angústia pode comparecer em um momento, porém o artista não se mantém aí, e, ao desvincular a certeza da angústia, pode superar a inibição e encarar o horror do ato de apresentar ao mundo o que criou, enfrentando o real como o impossível.

No *Seminário 11*, Lacan (1964/1973) discorre profundamente sobre os efeitos da arte nos observadores e seu papel em capturar a atenção do público pela referência ao objeto *a*, seja em sua modalidade de olhar ou voz, mas estende essa ideia principalmente para o objeto olhar, que, segundo ele, não está no nível da demanda, mas, sim, do desejo do Outro (Lacan, 1964/1973, p. 96). Nesse seminário, ele lança mão da anamorfose, para mostrar como o objeto se imiscui para se mostrar em um quadro como um enigma, que, ao mesmo tempo, oferece-se a ser visto e aponta, denuncia o que há de sinistro e deplorável da ordem do objeto *a*. Ele afirma que, ao fazer um quadro, o artista quer ser sujeito, impor-se como olhar para os observadores, e seu objetivo é dar a ver seu quadro como uma armadilha de olhar (Lacan, 1964/1973, p. 99).

Lacan cita Freud sobre a questão da sublimação ligada à obtenção de um valor no campo social para a obra de um artista. No entanto, afirma que, para tirar satisfação desse laço social que o sujeito pode alcançar a partir de sua obra, é preciso que haja ali a incidência de seu desejo (Lacan, 1964/1973, p. 108).

A angústia é o afeto que desempenha uma função na raiz do processo de estruturação do sujeito. Pode ser tomada como reação à hiância encontrada na base da existência humana, o que permite que o sujeito surja exclusivamente representado por um significante para outro.

A experiência da angústia como sentimento avassalador em busca de uma saída dá a ela um aspecto de mola, que é capaz de empurrar à criação de algo novo. Tentar encontrar expressão para o afeto quase insuportável da angústia muitas vezes leva o sujeito a buscar alívio pelo exercício de sua criatividade. Por outro lado, essa experiência pode ser desastrosa e avassaladora em alguns casos, o que remeteria aos exemplos de inúmeros artistas dos quais temos notícia ao longo dos séculos, que tiveram que se haver com a angústia como uma experiência insuportável.

Referências bibliográficas

- Badiou, A. (2005). *The handbook of inaesthetics* (A. Toscano, Trad.). Stanford: Stanford University Press. (Trabalho original publicado em 1998)
- Carvalho, M. C. D. (1989). Barroco: configuração da dor. In *A ética da psicanálise: suas incidências clínicas* (Vol. 1, pp. 505-519). São Paulo: Biblioteca Freudiana de São Paulo.
- Carvalho, M. C. D. (2005). A função da angústia na análise. *Stylus: Revista de Psicanálise*, (10): 42-51.
- Carvalho, M. C. D. (2013). *Anguish in the meanders of art*. Tese de doutorado. Universidade do Witwatersrand. Joanesburgo. África do Sul.
- Danto, A. C. (1964). Artworld. *The Journal of Philosophy*, 61: 571-584.
- Dickie, G. (1974). *Art and aesthetics: an institutional analysis*. Ithaca, N.Y.: Cornell University Press.
- Fingermann, D. T. (1989). O que quer o artista?. In *A ética da psicanálise: suas incidências clínicas* (Vol. 1, pp. 149-169). São Paulo: Biblioteca Freudiana de São Paulo.
- Kierkegaard, S. (1957). *The concept of dread* (W. Lowrie, Trad.). Princeton: Princeton University Press. (Trabalho original publicado em 1844)
- Lacan, J. (1973). *Le séminaire, livre XI : les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*. Paris: Editions du Seuil. (Trabalho original publicado em 1964)
- Lacan, J. (1986). *Le séminaire, livre VII : l'éthique de la psychanalyse*. Paris: Éditions du Seuil. (Trabalho original publicado em 1959-1960)

Lacan, J. (2005). *O seminário, livro 10: a angústia* (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1962-1963)

Recebido: 01/11/2024

Aprovado: 15/11/2024